

Leandro Gomes de Barros

A MULHER DO BICHEIRO

Morte de Monso e vingança de Marina

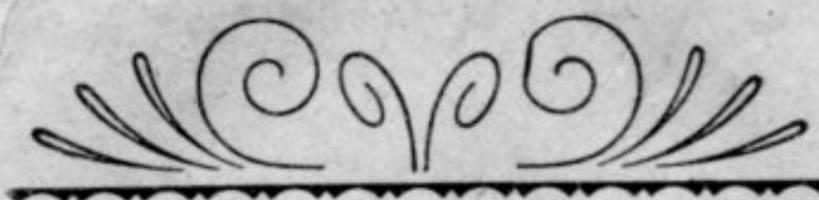
CONCLUSÃO



A VENDA

Recife—Rua do Alecrim n. 38 E

— 1910 —



A MULHER DO BICHEIRO

Esse mundo é dos espertos,
Quem viver nelle abra o olho,
O esperto enche a barriga,
O molle nem lambe o molho,
Nos diz o rifão antigo,
Quem poupa seu inimigo,
Nas mãos delle vem morrer,
Fazer-se santo e fiel,
Isso é faz-se de mel,
Para as abelhas o comer.

• Dizia um pobre diabo :
Que faço eu nesse mundo ? !
Meu officio é vender bichos,
Profissão de vagabundo,
Minha mulher viciada,
Minha sogra uma damnada,
Meu sogro catimboseiro,
Meus cunhados perseguidos,

E todos os meus possuidos,
E' um talão de bicheiro.

Minha mulher nada faz,
Porém, presume o capricho,
Rouba-me os bolsos de noite,
De manhã joga no bicho,
Meu sogro toma uma canna,
Entrega-se a carraspana,
Que fura o chão onde cae,
Minha sogra mas a filha,
Enteram tres n'uma pilha,
A filha, a mãe e o pai.

Zé Bicheiro, coitadinho,
Casou com Nana Pinoya,
Uma que pelo nariz
Arremeda ciricoya,
Nana depois de casada,
Tornou-se mais viciada,
Lá foi Zé Bicheiro ao pó,
O Zé Bicheiro ganhava,
Mas, tudo Nana gastava
No bicho e no catimbó.

Então o jogo dos bichos,
Nova-seita e catimbó,
Faz um ir para o asylo
E outro ficar no pó,
Um joga afim de ganhar,

Outro para melhorar,
Recorre á feitiçaria.
Outro p'ra ver se endireita,
Se mette na nova-seita,
Que é a mesma bruxaria.

Zé, com a madrinha d'elle,
Arrumou um São Gonçalo,
A mulher vendeu o santo
E jogou tudo no gallo,
Quando á tarde Zé chegou,
Então Nana lhe contou
Que o santo tinha fugido,
Disse que o santo queria,
Era ver se a illudia
Para deixar o marido.

Isso empreendeu muito,
A mente de Zé Bicheiro,
Depois disse: São Gonçalo,
Sempre foi alcoviteiro,
Pensava d'outra maneira,
Que o santo era de madeira,
Nem tinha junta sequer.
Porém, depois reflectiu,
São Gonçalo não fugiu,
Foi quengada da mulher.

Então um parente d'ella
Deu-lhe uma Nossa Senhora,

Disse Zé á Nana : Amarre-a,
Senão... ella vai embora.
Disse Nana : Esta, eu agarro-a,
Boto no quarto e amarro-a,
Esta imagem é muito bella,
Hei de tratar-lhe a capricho,
Se ella prestar para o bicho,
Eu parto as sortes com ella.

Cinco mil réis no viado,
Nana de manhã jogou,
Nesse dia o bicho deu,
Mas o banqueiro arribou,
Nana ficou se comendo,
Entrou em chamma ardendo,
E disse : Nossa Senhora !
Eu cancei de vos rogar,
Vós fizestes o bicho dar,
Mas que dê? foi tudo embora.

Na quinta-feira maior,
O Zé Bicheiro comprou,
Uma grande curiman,
Chamou Nana e lhe entregou.
Disse a Nana : Minha velha,
Passe esse peixe na grelha,
Que é para se jejuar,
São dois dias de preceito,
Façamos jejum bem feito,
Para Deus nos ajudar.

Então sahio Zé Bicheiro,
Nana ficou a pensar,
Que perdeu toda a semana
E não tinha o que jogar,
Disse : Aquelle Zé está louco,
Parece que inda acha pouco,
O que no bicho perdeu,
Estou bôa p'ra jejuar,
Ser chaleira sem ganhar,
E' o que não faço eu.

Vinha chegando um bicheiro,
Diz Nana : Quero jogar,
Porém tenho aqui um peixe,
Para o senhor o comprar
Uma grande curiman,
Para o jantar de amanhã,
Está supimpa seu patrão,
Se Zé procurar o peixe,
Eu digo a elle me deixe,
Ahi lhe mostro o copão.

Com pouco vem Zé Bicheiro,
Diz Nana : Bota o jantar.
Diz ella : Espera meu bem,
Me esqueci de te contar,
Depois que você sahio,
Mamãe deitou-se e dormio,
Sonhou com um anjo de luz,
Mostrou-lhe a lettra de um,

E o peixe do jejum,
Eu troquei por avestruz.

Zé Bicheiro ahi gritou-lhe :
Mulher, você está damnada ?
Ainda vai escutar,
Essa velha desgraçada ?
Tanto você como ella,
São dous saccoes de mazella,
Feitos por espirito máo,
Cobra céga, immunda e feia,
O seu jantar hoje é peia,
A consuada é com páo.

Veio ahi prova de fogo,
A mãe de Nana Pinoya,
Gritou para Zé Bicheiro :
Páo hoje aqui está na boia,
Se Nana for desfeiteada,
Torna-se a questão damnada,
Com barbas se enche cuia,
A Quaresma está findada,
Mette-se o páo na negrada,
Rompe-se logo Alleluia.



Morte de Alonso e vingança de Marina

CONCLUSÃO

Pois bem, respondeu Marina,
Já que não quer escolher,
Eu só te mato assassino,
Depois de te ver soffrer,
Quando te pareça festa,
O dia que has de morrer.

Marina, então retirou-se.
Disse comsigo Braulino :
Morrerei de fome e sêde,
Assim cumpro meu destino,
Com tanto que não dê gosto
A'quelle genio assassino.

Passou seis ou sete dias,
Sem acceitar alimento,
Marina, casualmente,
Entrou no seu aposento,
Disse : A fome a esse monstro,
Inda não causa tormento ?

Ordenou que os criados,
O pozessem sobre o chão,
E á força lhe botassem
Pela bocca agua e pão,

Que elle se alimentasse
Quer quizesse, ou quer não.

Os criados executaram
O que Marina ordenou,
A' custa de muita força
Braulino se alimentou,
Vendo que comia sempre,
Depois o pão acceitou.

Depois de cinco ou seis dias,
Já elle estava mais forte.
Disse Marina : Eu o faço
Arreponder-se da sorte,
Elle ha de curvar-se a mim,
Pedindo que eu dê-lhe a morte.

Mandou pôr agua no carcere,
Até que fizesse lama,
Para elle não achar,
Onde fizesse uma cama,
Dizendo : Elle ha de curvar-se
Ou dentro d'agua ou em chamma.

Deitaram agua no carcere,
Que ficou todo alagado,
Braulino quando vio agua,
Ficou até animado,
Dizendo : Eu agora aqui,
Talvez que morra afogado.

Mas a agua era tão pouca,
Que nem mesmo os pés cobria,
Ahi elle conheceu,
Que afogado não morria,
E aquelle enorme tormento,
Crescendo de dia a dia.

Seis dias passou na lama,
Lhe appareceu inchação,
Então Marina mandou
Botar-o em outra prisão,
N'um quarto á fôrma de estufa,
Com pouca respiração.

O quarto era muito estreito,
Com grossas taboas forrado,
Em cima d'uma fornalha,
Era o carcere collocado,
Qualquer ser nesta prisão,
Morreria asphyxiado.

Marina mandou botar,
Na fornalha um fogo lento,
Que fosse de pouco a pouco
Aquecendo o aposento,
Então alli na prisão,
Não apparecia vento.

Braulino rangia os dentes,
Como fêra engaiolada,

Exclamando : Oh ! ella ainda
Não acha que está vingada !
Acha que minha existencia
Não está bem amargurada.

Então a acção do fogo
Já tinha tanto crescido,
E Braulino com o calor,
Estava tão enfurecido,
Blasphemava contra tudo,
Já desvairando o sentido.

E exclamou : Foi mentira,
Jesus por mim não morreu,
Mil vezes maldicta seja,
A mãe que me concebeu,
Maldicto o pai que gerou-me,
Que tal conselho me deu.

Maldicto o primeiro leite,
Que meu estomago ingeriu,
Maldicto seja esse monstro,
Que como pai me servio !
Ahi lhe deu um ataque,
Não sustentou-se e cahio.

Assim mesmo inda exclamava :
Oh Deus ! tem pena de mim !
Toca aquelle coração,
De tyrannia sem fim,

Que venha logo matar-me,
Não faça eu soffrer assim !

Se eu pudesse vel-a agora,
Lhe pederia perdão,
Pela alma do esposo,
Que assassinei sem razão,
Talvez que o nome de Alonso,
Lhe abrandasse o coração.

Marina então poude ouvir,
Toda aquella exclamação,
Ouviu fallar em Alonso,
Doeu-lhe no coração,
Então mandou os criados,
Botal-o em outra prisão.

Quando elle sahio do quarto,
Estava quasi sem sentidos,
Exclamava : Por Alonso,
Hoje fui favorecido,
Deus, perdoai esse crime,
De que estou arrependido.

Ao cabo de quatro dias,
Elle sempre melhorou,
Pelas dez horas do dia,
Marina se apresentou,
Braulino se ajoelhando,
Prostrado a seus pés chorou.

Dizendo : Minha senhora,
Quero fazer-lhe um pedido,
Eu sei que inda não paguei,
A morte de seu marido.
Por elle, crave-me o ferro,
Com que foi elle ferido.

Marina naquella hora,
Suspendendo a colera immensa,
Ora tremia-lhe o corpo,
Ora ficava suspensa,
Disse : Eu solto este assassino,
Deus que lhe marque a sentença.

Assassino eu te perdôo,
A morte de meu marido,
Pois elle antes da morte,
Me deixou esse pedido,
No tribunal do eterno,
Teu crime será punido.

Suma-se de minha vista,
Então Braulino sahiu,
Embarcou no mesmo dia,
Para a Hespanha seguiu,
Sem poder fazer um calculo,
Nem quem foi que o accudiu.

Quando chegou na Hespanha,
Pegou elle a reflectir,

Como do gladio da morte,
Podia elle sahir.
Um covarde como eu,
Não vale a pena existir.

Já perto de meia-noite,
Pegou Braulino a pensar,
Em abrir o tumulto do pai
E ir se suicidar,
Um nome negro e covarde,
Devia se liquidar.

Fez uma carta a Marina,
Dizendo : Minha senhora.
A morte de seu marido,
Ha de ser vingada agora,
Creia que vou morrer já,
Não vivo mais meia hora.

Fui um covarde em matar,
A quem nunca me offendeu,
Devido a um pai miseravel,
Que seus conselhos me deu,
Matei um homem que era,
Mil vezes melhor que eu.

Lançando mão de um revòlver,
Correu já desesperado,
Metteu o ferro no tumulto,
Onde o pae estava enterrado,

Dizendo : Ergue-te do pó,
Esqueleto desgraçado.

Veja se esta alma negra,
Do pó que está reduzida,
Vem escutar minha voz,
Tão maguada e sentida,
Ouve os productos que deu-me,
Tua imprudencia exigida.

Por tua causa soffrì,
Toda especie de amargura,
Estive em prisões infernaes,
Mais feias que a sepultura,
Mettido em gelo e em chammas,
Com a maior desventura.

Porque não me assassinasses,
Emquanto eu era pequeno ?
Não tinhas tão bons punhaes,
Tantos frascos com veneno,
Maldicto sejas mil vezes,
Teu agoureiro terreno.

Braulino estava fallando,
Viu os ossos se juntarem,
Surgirem dois esqueletos,
E a elle se botarem,
Com boccas tintas de sangue,
Rangindo os dentes e uivarem.

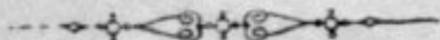
Fomos quem te deu o ser,
Então os vultos diziam,
Com dentes enferrujados,
Um ao outro se mordiam,
Duas linguas negras e seccas,
Dos esqueletos sahiam.

Braulino inda atirou nelles,
Porém não os offendeu,
Os dois vultos o pegaram,
E elle a valla desceu,
Ahi a terra fechou-se,
Tudo desapareceu.

Marina sabendo disto,
Ficou muito arrependida,
Dizendo eu obrei mal,
Ficando tão enfurecida,
Cinco ou seis mezes depois,
Deixou tambem ella a vida.

No tumulo dos Montavão,
Ninguém podia chegar,
Que á mei-a noite em ponto,
Via-se um echo acordar,
Gemer um, suspirar outro,
Outro a sorte praguejar.

Lia-se no tumulto d'elles
Escrepto visivelmente,
Alma tirada diabolico,
Negro instincto de serpente,
Diabo em figura humana,
Raça de vibora tyranna,
Olhos maus, maldicto ente.



*O primeiro volume desta narração
está n'OS GUABIRABAS (cangacei-
ros do Teixeira).*

1910

4005

ma.

O autor reserva o direito de pro-
priedade

(LGB)